

NOTA SOBRE A OCUPAÇÃO RURAL NA ANTIGA ÁREA DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Prof. Pier Luigi Beretta **

Tradução: Geógrafo Lia Luz Livi ***

A ocupação humana na antiga área de colonização italiana no Rio Grande do Sul assumiu, em linhas gerais, aspectos particulares, estando condicionada não somente a características ambientais mas sobretudo a necessidade imposta pelo sistema de localização dos terrenos, da comunicação e do lento e progressivo desenvolvimento da atividade econômica, que passa daquela, típica de uma economia agrícola de subsistência, àquela de uma economia mais evoluída, com a comercialização dos produtos agrícolas, a vitivinicultura e conseqüente expansão dos setores secundário e terciário.

A análise da ocupação na zona deve portanto partir do exame da sede rural, que para os colonos, constituiu a base fundamental para a formação do centro urbano, havendo uma dupla origem: ou são escolhidas como ponto de apoio da colonização (exemplo Caxias do Sul) ou são formados em seguida ao desenvolvimento do centro agrícola de trabalho (as capelas).

A pesquisa sobre a tipologia da sede rural na antiga área de colonização italiana requer, por outro lado, uma premissa de caráter geral sobre a condição e sobre o aspecto da casa dos trabalhadores agrícolas na "campanha" brasileira.

Nota-se que a casa do trabalhador agrícola nas fazendas brasileiras é geralmente constituída por casebre de madeira com frestas entre as táboas, e desprotegida, muitas vezes, contra os agentes atmosféricos, pó e insetos, privada de qualquer estabelecimento higiênico e concentrada em sombria colônia, como aquela típica da plantação de café no Estado de São Paulo, que se denomina de casa de **pau a pique**, construída com uma grade de ripas, rebocada com barro, com teto de palha, para o qual em geral emprega dois tipos de gramíneas: denominadas vulgarmente de sapê (*Imperata exaltata* e *Imperata brasiliensis*); o chão é de terra batida.

* Para a compilação desta nota baseei-me sobretudo na observação pessoal recolhida durante duas viagens de pesquisa à área em questão, em setembro de 1972 e em janeiro de 1973, no roteiro de um programa interdisciplinar financiado pelo Congresso Nacional de Pesquisas de Roma, em conjunto com o Centro de Pesquisas para a América Latina de Firenze.

** Professor do Instituto Di Geografia — Università Degli Studi — Pavia (Italia).

*** Geógrafo da U.G.C. — CEMAPA.

Pode-se observar alguma variação desta casa de pau a pique, melhorando-a: a cobertura feita com tabuinhas de madeira ou telha, as janelas são providas de vidros, ao invés de só postigo, externamente são caiadas quando não pintadas com cores vivas. Mas tipos de casas rurais, relativamente confortáveis, se posso falar assim, só na área onde predomina a pequena propriedade rural e, por conseguinte, de modo particular, onde se localizam os colonos de descendência européia, sobretudo, italiana, alemã, holandesa ou eslava, como aquelas perto de Campinas, Ribeirão Preto, Jaú, Diamantina, Maracaí, etc, no estado de São Paulo; a parte abrangida pela Companhia de **Terras do Norte do Paraná**: Santa Felicidade, Ponta Grossa e Carembéi no Paraná; de Blumenau no Estado de Santa Catarina e de antigas áreas de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul.

Nesta área de colonização européia, a paisagem rural é pontuada por casinhas, construídas de madeira ou alvenaria, de aspecto agradável e aconchegante, que contrasta notavelmente, com aquelas casas e casebres anteriormente descritos, que predominam nas fazendas, com excessão de certa zona de plantação de café, como é a clássica Cafelândia do Estado de São Paulo, onde as casas de alvenaria prevalecem já, também, nas grandes propriedades.

O mísero casebre e a choupana predominam ainda na zona pioneira povoada anteriormente pelos caboclos, de sangue luso-brasileiro ou mestiços, com frequência apossando-se temporária e abusivamente da terra de outrem.

Na tipologia da sede rural brasileira pode-se resumir, individualizando uma grande propriedade, uma porção com as habitações dos trabalhadores agrícolas, das grandes fazendas e a habitação da área agrícola colonizada pelos imigrantes europeus e seus descendentes.

Uma característica comum a todas as habitações rurais em diversas partes do Brasil é o predomínio da madeira, enquanto retrata maior economia, em comparação com àquela referente as construções de alvenaria, de pedras ou tijolos. Tal predomínio se observa também na zona onde o recurso natural madeira já está exaurido ou, não é mais existente e tal material deve ser trazido de lugares mais distantes, com notável aumento de preço do transporte; enquanto poderão ser utilizados "in loco" depósitos argilosos para uma econômica produção de tijolos e telhas. Não faltando obviamente, em toda zona, mesmo longe da floresta, casas rurais ainda que modestas, construídas integralmente de tijolos cozidos ou não, rebocadas ao menos. Trata-se no entanto, de um percentual menor o das casas de pequeno e médio proprietário, que tendo alcançado uma posição econômica e social discreta e consolidada, foram induzidos a substituírem, por casa de alvenaria, o primitivo casebre ou cabana de madeira; e quando fazem casa nova, dão à antiga, condição de depósito ou abrigo para vários usos.

Em linha de semelhança é possível afirmar que em qualquer parte do Brasil colonizado, seja na zona pioneira, ainda com predomínio de florestas, seja na zona de campo aberto ou seja em zona desflorestada há tempo, o panorama é o mesmo, da contenção de despesas tanto para a construção em madeira como com respeito àquela de alvenaria. Compensa, um maior custo do material e maior despesa na manutenção, para o primeiro tipo de sistema de construção em relação ao segundo. Isto é válido sobretudo para a construção de um só piso do

Fig. 1

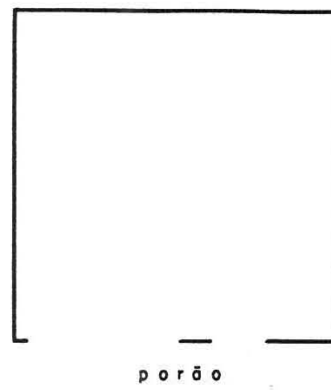


Uma das primeiras casas de madeira na antiga área colonial italiana. (Foto P.L. Beretta)

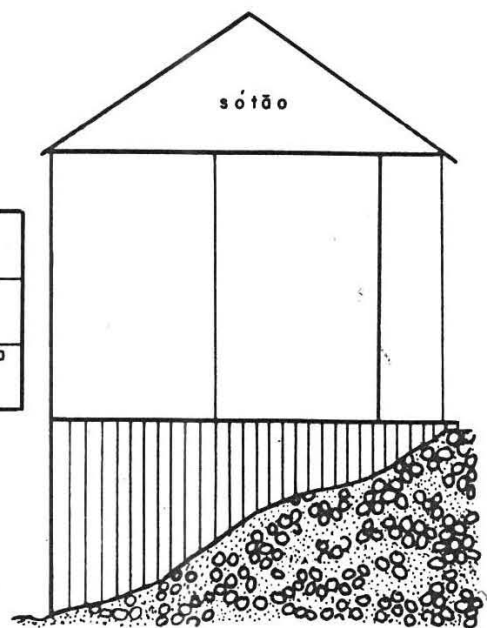
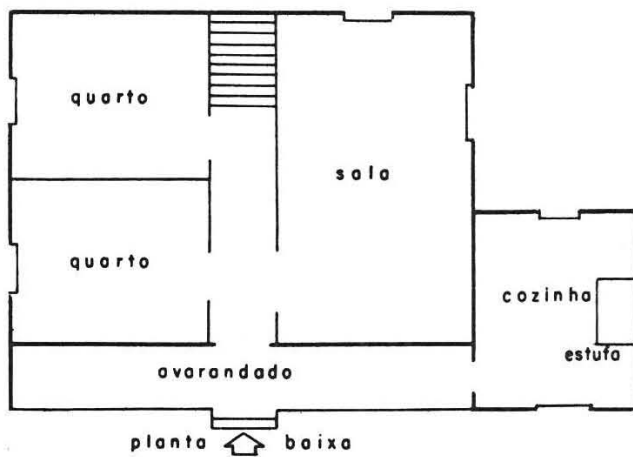
Fig. 2



Outro exemplo de casa colonial de madeira, que mostra notável aperfeiçoamento em comparação com a da fig. n.º 1. (foto P.L. Beretta)



A



B

ESCALA 1:100

FIGURA 3

PLANTA DA CASA NAS FIGURAS 1(A) E 2(B)

qual não se exige uma perfeita conservação por longo tempo, em previsão de uma eventual e sucessiva sustentação ou integração com alvenaria após poucos anos, se a melhoria da condição econômica e familiar consentir.

A madeira é o material mais empregado na construção das casas, pouco duráveis e pouco cômodas; sendo usada sozinha ou em construção mista com tijolos e ou telhas de barro e pedras; muitas vezes estas residências continuam com os defeitos, mesmo sendo rebocadas.

A necessidade de cercar o espaço vazio debaixo da casa, construindo o porão, elevando colunas de alicerces construídos com tijolos, corresponde ao objetivo de evitar o movimento de areia solta sob o assoalho, o pó, os insetos e os depósitos de sujeira, e os eventuais restos de animais.

A parede é rematada sempre com sarrafos que fecham-na hermeticamente, evitando as frestas que sempre ficam entre uma tábua e outra, de modo a assegurar a impermeabilidade. Também os assoalhos de madeira e as janelas fixas ficarão oportunamente melhorados, enquanto se arremata também o forro, com madeira, depois suas repartições de modo a fechar completamente o quarto de dormir; em vez de cortar o forro, comprime-se a parte superior da parede ao fino teto, desprovido de suporte, como geralmente vemos nas casas mais modestas.

A disposição de toda a construção das casas de madeira assim como das de alvenaria, pode-se unir a tendência do brasileiro a limitar ao mínimo o gasto inicial ao mesmo tempo em agricultura e com conseqüente suspeita em favor de construção mais cara e definitiva. Os mini-fundiários (adquirentes dos lotes da companhia colonizadora) e os sitiantes (proprietários que cultivam a terra, embora de pouco poder aquisitivo) em todo o território brasileiro contentam-se inicialmente com sua modesta casa, barraco de madeira de poucos milhares de cruzeiros e, as vezes, até com uma cabana de pau a pique, para depois construir uma casa melhor, ou melhorar gradualmente aquela originária, no caso de sucesso em sua empresa agrícola; quando não, abandonam a casa e a propriedade para se transferirem para alhures, no caso de insucesso na atividade agrícola, por desfortuna, pelo exaurimento prematuro da fertilidade do solo, pelas adversidades naturais e de mercado (considerada a geral tendência de monocultura do agricultor brasileiro) e muitas vezes por incompetência.

Esta característica geral não se observa na sede rural da antiga área colonial italiana no Rio Grande do Sul. O colono italiano proveniente de regiões onde predomina a casa de alvenaria, foi obrigado, por necessidade, a adaptar-se às condições ambientais, utilizando largamente a madeira para construção de sua moradia.

Uma pesquisa comparativa para individualizar semelhanças entre as moradias das regiões de onde provieram os colonos italianos e daquelas de sua ocupação no RGS, não oferece efetivos elementos concordantes com o relevo; ainda baseando-se nas detalhadas análises sobre as moradias rurais da Itália (1), não parece possível encontrar forma ou tipos, presos a modelos dos colonos para

(1) Conselho Nacional de Pesquisas, Comitê Nacional para a Geografia, **Pesquisa sobre as moradias rurais na Itália**, Roma, publicação VIII, vol. n.º 2; B. NICE, **A casa rural na Veneza Giulia**, Bolonha, Ed. Zanichelli, 1940, pp. 137, vol. n.º 4; E. SCARIN, **A casa rural na Friuli**, Firenze, 1943, pp. 150, vol. n.º 20; L. CANDIDA, **A casa rural na planície e na colina de Veneto**, Firenze, Leo S. O. Olschki Ed. 1959, pp. 208; G. BARBIERE, **A casa rural no Trentino**, Firenze, Leo S. Olschki, Ed. 1962, pp. 214.

a construção de suas novas sedes rurais. Estas são construídas sem preciso modelo de referência, com frequência, de modo informe e rudimentar, segundo a capacidade e habilidade do construtor, a disponibilidade e a economia do material. Pode-se, só revelar que o hábito ao uso da madeira, para a construção do telhado, uso bastante difundido nas casas da montanha veneta, tem sem dúvida favorecido, o colono imigrado daquela região, facilitando-lhe a tarefa na parte mais comprometedora da construção.

Dito isso, todavia, nota-se que esta adaptação do colono às condições ambientais, no que concerne a construção da casa, passou por diversas fases cuja cronologia adquire notável importância na análise da tipologia da sede rural na antiga área colonial.

Junto com a primeira luta para ocupação do terreno que lhe havia sido determinado, o colono, improvisou meios adequados para utilizar, racionalmente, a abundante disponibilidade de madeira que a originária floresta de araucária ofertava, devendo construir um primeiro refúgio com o material mais encontrado: pedras e pequenos troncos de árvores, que podia abater sem muita dificuldade.

A primeira casa foi uma choupana, feita de pedra e coberta por arbustos e folhas, com um rudimentar fogão ao centro; a fumaça saía dela pela única abertura existente na cabana, porta e janela ao mesmo tempo.

Quando a construção da primeira serraria, acionada pela força hidráulica, permitiu ao colono reduzir à tábua, escondeu a rusticidade e os grossos troncos de araucária, abatidos com a sua força manual, o uso da madeira para a construção da casa, passou a predominar sobre o emprego da pedra partida a mão com o formão; que foi abandonado e retomado só mais tarde com o advento da vitivinicultura que a tornou necessária para a construção da cantina debaixo da casa.

A primeira casa construída de madeira pelos colonos, foi de forma retangular, era construída de só vão, a parede e o assoalho de tábuas de madeira, o telhado a duas águas era coberto com tabuinhas de madeira, dispostas sobre vigas de troncos de árvores, grosseiramente delineados. Num canto localizava-se o fogão de pedra; que servia para cozinhar. De quando em quando, uma parede que não chegava ao teto, separava a área do dormitório daquela onde se desenvolvia a vida cotidiana da família do colono.

A casa não se apoiava no terreno, mas era elevada com pedras dispostas nos quatro cantos da construção e, se necessário, ainda no centro. Quando o terreno era inclinado, a parte anterior da casa apoiava-se diretamente sobre a terra, enquanto a parte posterior sustentada por moirões de madeira, de modo a erigir sob a construção um vão que serviria para guardar instrumentos ou armazenar; neste caso, eram cercados os três lados, com sarrafos de madeira dispostos verticalmente e seguros em rústico enquadramento.

A abertura desta casa era sempre muito pequena; restringia-se a uma porta e a uma ou duas janelas fechadas com tampo e um só batente sem vidros.

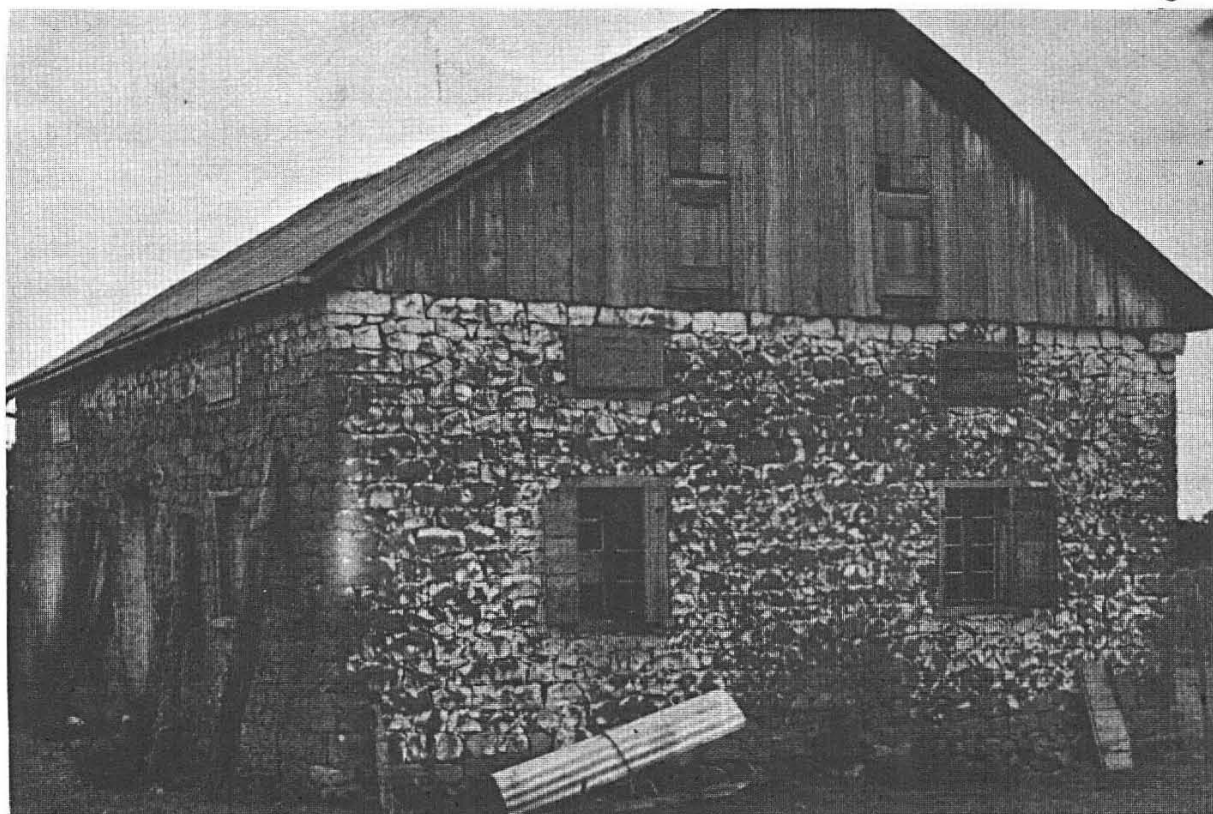
A rusticidade e a extrema modestia destas primeiras casas dos colonos vieram pouco a pouco mitigar o processo favorável da exploração da colônia por parte do colono e da sua família. As dimensões da construção aumentaram: o vão interno foi dividido em mais vãos, aumentou o número de aberturas, janelas fixas, com vidros e com dois batentes; um telhado fazendo avarandado, partindo

Fig. 4

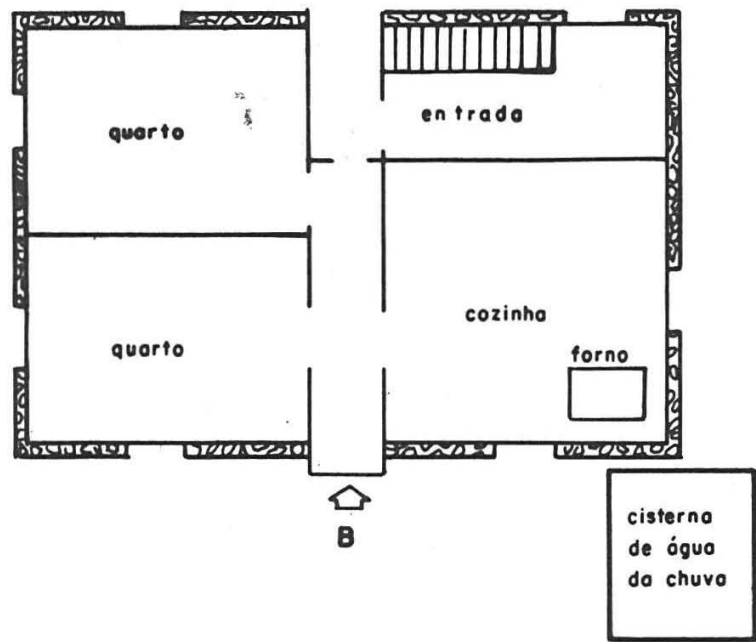
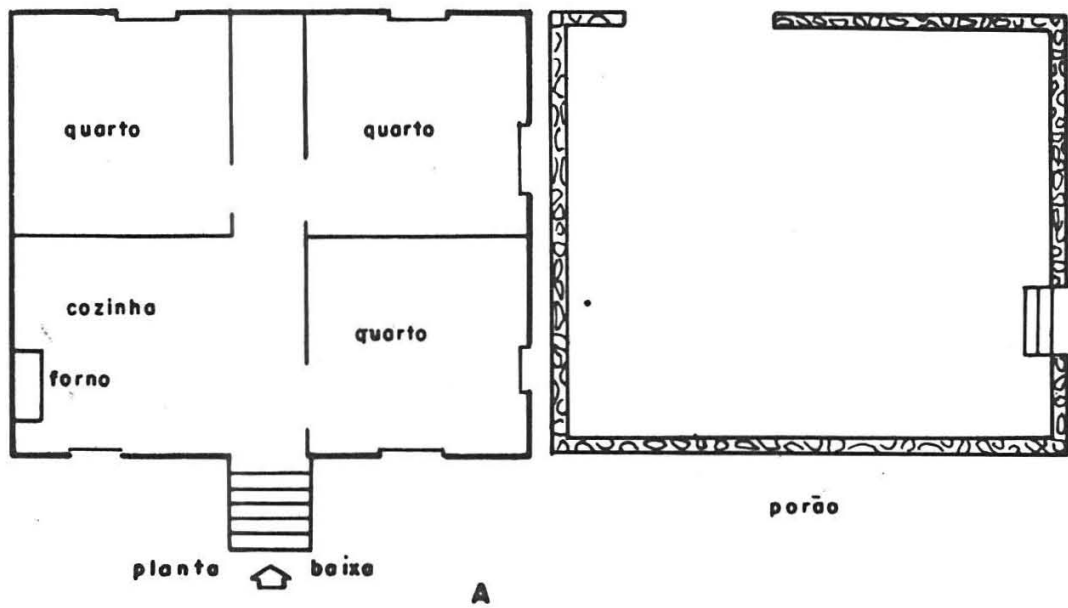


Velha casa de madeira com embasamento de pedra, ainda habitada por família de um colono de descendência italiana. (foto P.L. Beretta)

Fig. 5



Um dos poucos exemplos remanescente de casa colonial construída com pedra retangular no município de Bento Gonçalves. (foto P.L. Beretta)



ESCALA 1:100

FIGURA 6

PLANTA DA CASA NAS FIGURAS 4(A) E 5(B)

do teto principal, cobria a curta escada de acesso, quando o plano da casa era elevado do solo. Este telhado, em muitos casos, se encompridou ao longo de toda a parte dos fundos da casa vindo a constituir uma verdadeira e própria varanda, ao redor uma balaustrada de madeira. A cozinha localiza-se, sistematicamente, num pequeno local justaposto a construção principal, coberta por um teto com um só pavimento e quase sempre sem comunicação com a casa, a qual ficava logo em seguida isolada. Este pequeno local tem portanto uma entrada independente e, geralmente, oposto a esta uma pequena janela. Todo interior é cimentado, em um lado o fogão para cozinhar, constituído neste caso muito modesto, do forno a lenha ou a carvão de lenha colocado sobre uma base de pedra ou de tijolos; enquanto, na casa melhorada e moderna existe um grande fogão mais econômico de ferro esmaltado, ou moderna cozinha ou fogareiro a gás liquefeito, se a casa esá situada próxima a um centro urbano.

Do outro lado da cozinha há solidamente cimentado um guarda-louça ou um armário para colocar a louça e, se há espaço suficiente, uma mesa para preparação dos alimentos. No caso da família de colonos ter maior disponibilidade econômica, o arranjo da cozinha é completado, hoje com o frigorífico, que funciona com querosene ou energia elétrica, se disponível. A este propósito digo que ainda muitas das casas dos colonos, sobretudo aquelas mais distantes dos principais centros urbanos são desprovidas de energia elétrica e a iluminação é feita com lâmpada de petróleo ou acetileno.

O uso da cozinha separada, corresponde ainda a uma mescla de segurança contra incêndio e ainda por ser bastante disperso o agrupamento humano; só nas construções mais modernas o local da cozinha está incluído debaixo do mesmo teto.

Uma particularidade curiosa que se pode revelar do estudo da sede rural na antiga área colonial italiana é aquele da adoção já generalizada da janela com tranqueta. Pode-se ainda observar na zona, casas com dois tipos de janelas, que indicam portanto o momento transitório da passagem do tipo fixo, que podemos definir como sendo europeu, àquele americano. Mas o fator que pode ter contribuído para distinguir liquidamente a passagem de uma fase para outra na evolução da sede rural na antiga região colonial italiana é sem dúvida a afirmação e o predomínio da vitivinicultura.

A passagem de uma agricultura, de quase subsistência, com a cultura eminentemente de cereais, para a vitivinicultura, produzindo vinho para comércio e não só para consumo familiar, colocou o colono na necessidade de ter em sua casa uma cantina para depositar uvas, para espreme-las, para fermentação do mosto, para preparação do vinho e depósito das garrafas, nas quais o conserva. Tem-se agora a primeira casa com uma cantina construída de pedra em forma de paralelepípedo e colocada sobre a parede da cantina construída, a parte, nas proximidades da velha sede.

A entrada em funcionamento das olarias para a confecção de tijolos e telhas deu condições para o notável melhoramento das construções. A telha substituiu grandemente as tabuinhas de madeira, os tijolos substituíram a pedra para a construção da cantina ou das paredes e alicerces da casa.

Nas casas rurais mais recentes, o tijolo é usado também na construção das paredes externas e nas divisões internas, as lâminas de ferro caras e o piso de chapas de cimento substituem a telha do telhado; a casa assume assim o aspecto típico da quinta familiar universalmente conhecida e sobre a qual não é necessário deter-se para maiores considerações.

É interessante revelar algumas particularidades dos aspectos internos da sede rural que, mais do que as particularidades daqueles externos, denotam a origem dos habitantes.

Em primeiro lugar a presença de um grande fogão econômico, a lenha, para a preparação dos alimentos e para aquecer o ambiente nos períodos mais frios e úmidos. Uma mesa retangular com cadeiras de palha e um grande guarda-louça completam a arrumação da sala de jantar, junto a cozinha; no caso esta está colocada junto ao corpo principal da casa. Quando o local da cozinha é separado, como foi dito anteriormente, lá fica somente o grande fogão a lenha e a prateleira para as panelas de barro; as refeições são consumidas num local adjacente, que é o refeitório. Há sempre a presença de um grande paiol para a preparação da polenta de farinha de milho, uso que os atuais colonos, muitos, descendentes já da terceira geração dos velhos colonos imigrantes da Itália, ainda não abandonaram.

Da sala principal, junto a cozinha ou ao refeitório, passa-se diretamente ao quarto de dormir, cuja porta de acesso abre-se toda para a sala principal, ao contrário, nas típicas casas mais recentes e evoluídas, que tem um corredor que dá acesso a entrada da casa.

A casa rural de um só plano é rara; ao menos se observam casas em cujo sótão está reservado um local, para saleta de uso dos filhos menores e mais útil torna-se, acrescentando uma janela. Casa de madeira com dois pisos ainda pode ser localizada em centros urbanos menores da zona, entre centros maiores há construção de alvenaria de vários pisos, ou vê-se edifícios como em Caxias do Sul, que substituem quase totalmente a velha construção de madeira que, até ainda a pouco, permaneciam como testemunho de um passado relativamente recente e de uma evolução sempre muito rápida.

Complexamente, pode-se afirmar que a casa rural na antiga região colonial italiana apresenta atualmente uma discreta variedade de tipos e dimensões. Essa variação da casa inteiramente construída em madeira, sem pintura e sem janelas (atualmente a mínima parte e representam um tipo originário da época colonial), até toda casa construída de alvenaria. O tipo mais difundido é a casa com as paredes de madeira, o teto de telhas de barro, piso de madeira, janela com vidros e quase todos os serviços (água, luz, esgoto). Típicas ainda são as casas construídas de madeira na parte superior e com a parte inferior de pedra, quase sempre junto à cantina.

Segundo os dados recolhidos durante uma pesquisa efetuada em 1966 pelo Serviço de Desenvolvimento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, que me foi cortesmente fornecido, obtem-se o seguinte quadro descritivo geral da Moradia Rural no território municipal:

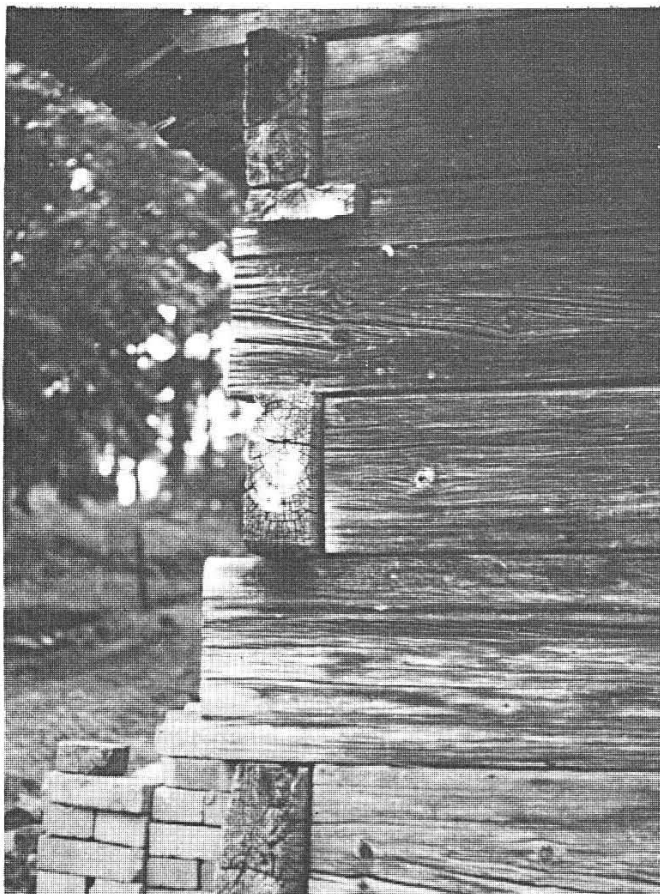
78% das casas são construídas de madeira (aquelas do tipo mais difundido, descrito primeiramente); e a maior parte delas localiza-se nos distritos de Vila Seca, Vila Oliva e Criuva com percentuais de 94%, 98% e 98%, enquanto um número menor se localiza nos distritos de Forqueta (62%), Galópolis (68%) e no primeiro distrito — Caxias do Sul (69%).

O maior número das casas rurais construídas de madeira e de pedra (9% do total do município) localiza-se no distrito de Forqueta (17%), no primeiro distrito (13%) e no de Galópolis (12%). As casas construídas inteiramente de alvenaria, que constituem 12% do total, se localizam em sua maior parte nos distritos de Forqueta (21%), de Galópolis (19%) e no de Caxias do Sul (18%). Cerca da metade das casas rurais no município de Caxias do Sul são dotadas de energia elétrica: a maior parte destas localiza-se porém nos distritos da sede e

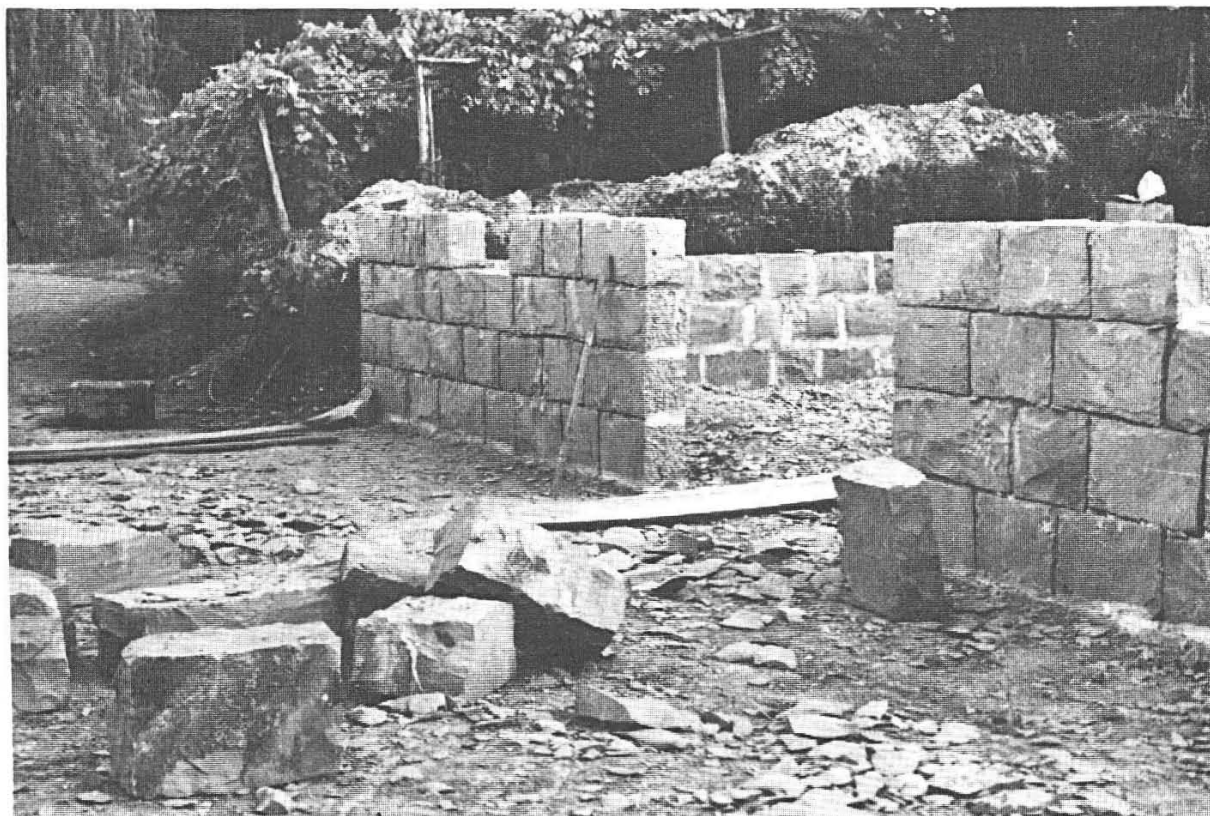
Fig. 7



Velha casa de madeira na área colonial italiana destinada ao armazém. Se observa o teto ainda coberto com telhas de madeira (scandole) taboinhas de madeira grosseiramente planas. (foto P.L. Beretta).



Detalhe da velha casa de madeira da fig. 7. (foto P. L. Beretta)



Preparação da cantina de pedra retangular de uma nova casa rural na antiga área colonial italiana. (foto P.L. Beretta)

Fig. 10



Casa na zona vitivinicola da antiga área colonial italiana, com cantina construída de tijolos e a parte superior de madeira. (foto P. L. Beretta)

naqueles vizinhos, Forqueta e Galópolis, considerada a maior facilidade e disponibilidade de expansão da rede distribuidora ao longo das estradas principais (para Forqueta, a estrada estadual RS-25, e para Galópolis, a estrada Federal BR-116).

Menor é o percentual das casas rurais do município de Caxias do Sul que usufruem de água encanada, pouco mais de 20%, sendo aquelas que se localizam nas imediações dos centros urbanos aos quais estão ligadas pelo fornecimento de água. Pouco superior é porém a disponibilidade de esgotos, só 30% das casas rurais.

A maior parte das casas rurais abastecem-se de água de poço e também por cisternas (recolhimento da água da chuva em pequenos depósitos ou barris colocados junto as calhas do telhado) É possível utilizar, mediante uso de bomba ou por gravidade em canais de madeira ou rudimentares condutos, a água das torrentes e riachos dos quais a região é rica. Em resumo o fornecimento hídrico não constitui sério problema para os colonos, mas somente uma questão técnica, secundando a das casas, resulta ter mais simplicidade ou mais refinamento, sempre dependendo da disponibilidade econômica. Sobretudo, tratando-se de uma necessidade ligada não ao aproveitamento agrícola, porque as precipitações pluviais são geralmente suficientes e não se requer irrigação do terreno; quanto ao melhoramento das condições de vida na sede rural, o fornecimento hídrico tem estado portanto resolvido, em função de tal melhoramento, segundo o desejo e vontade do colono, de tornar a própria casa mais confortável e adequada à moderna exigência.

No que concerne a posição da sede rural do colono na típica unidade rural, a **colônia**, diz-se que está estreitamente ligada a estrada que une todos os lotes de uma linha ou travessão. A casa do colono situa-se sempre, salvo raras exceções, a poucas centenas de metros da estrada, num espaço mais ou menos amplo, quando ali está, além disso uma outra construção pequena e acessória, como um telhado para cobrir carro, máquina agrícola, galinheiro, recinto para os porcos capados, forno para cozinhar pão, etc. Frequentemente junto a esta pequena construção é erguida toda a construção principal, formando um corpo único com essa.

A ordenação produtiva da unidade rural típica a **colônia** de 25 ha, varia de acordo com que esta se torne uma área onde predomina a policultura ou onde predomina a vitivinicultura.

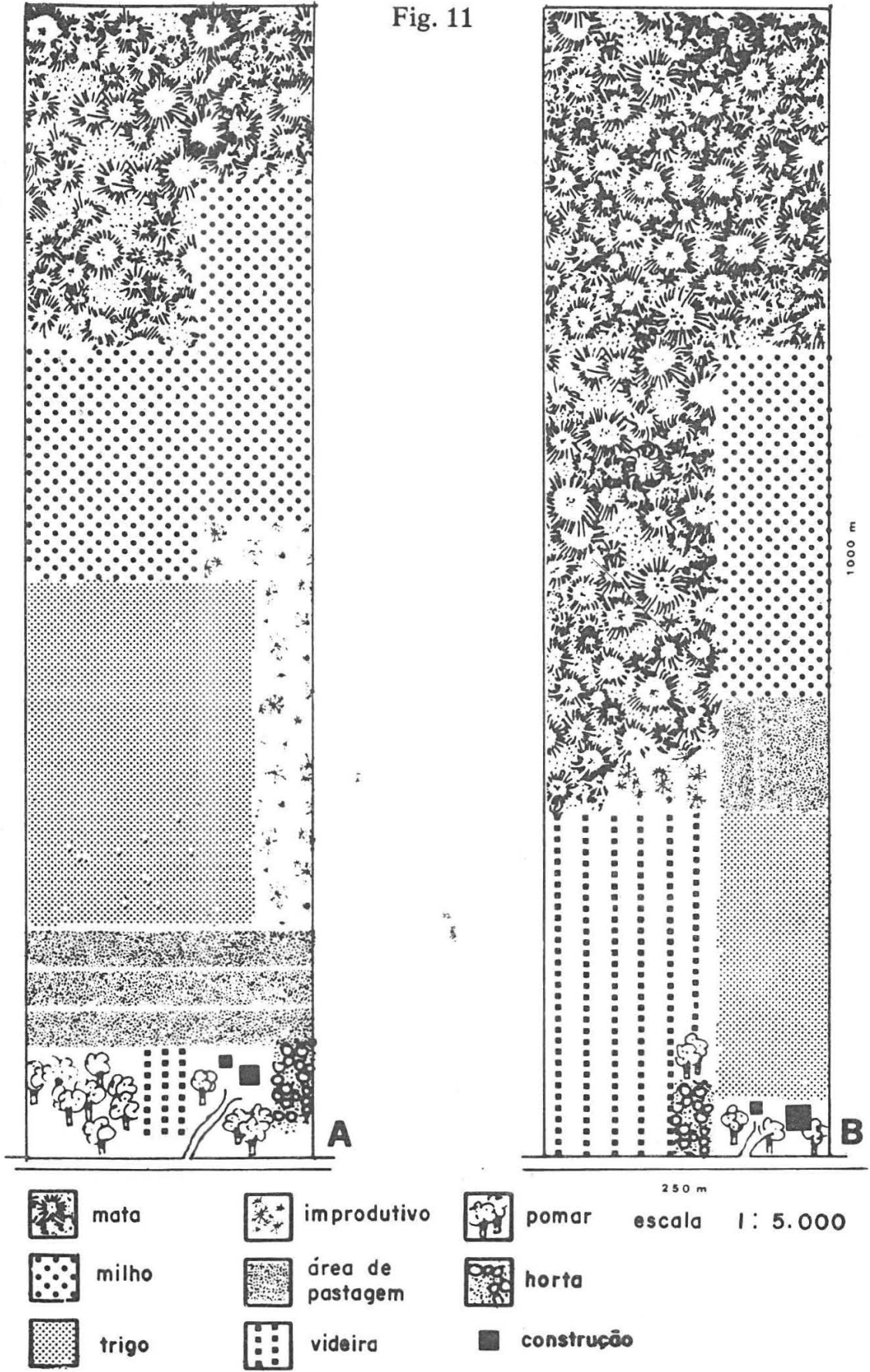
No primeiro caso, a ordenação produtiva da colônia assume geralmente o seguinte quadro:

- 6 ha são deixados ao repouso, coberto de capoeiras,
- 6 ha são cultivados com milho,
- 6 ha são cultivados com trigo,
- 2 ha são deixados para pasto natural,
- 0,5 ha para pasto cultivado,
- 4,5 ha destinam-se a culturas variadas: um pequeno vinhedo, pomar, amendoins, mandioca, compreendendo ainda a zona improdutiva e os terrenos ocupados pela casa, as construções acessórias, a estrada, etc.

O patrimônio zootécnico consiste geralmente em duas vacas leiteiras, dois bois para lavoura, uma vintena de porcos, outros animais de corte (galinha, coelho) e não raro de alguma ovelha.

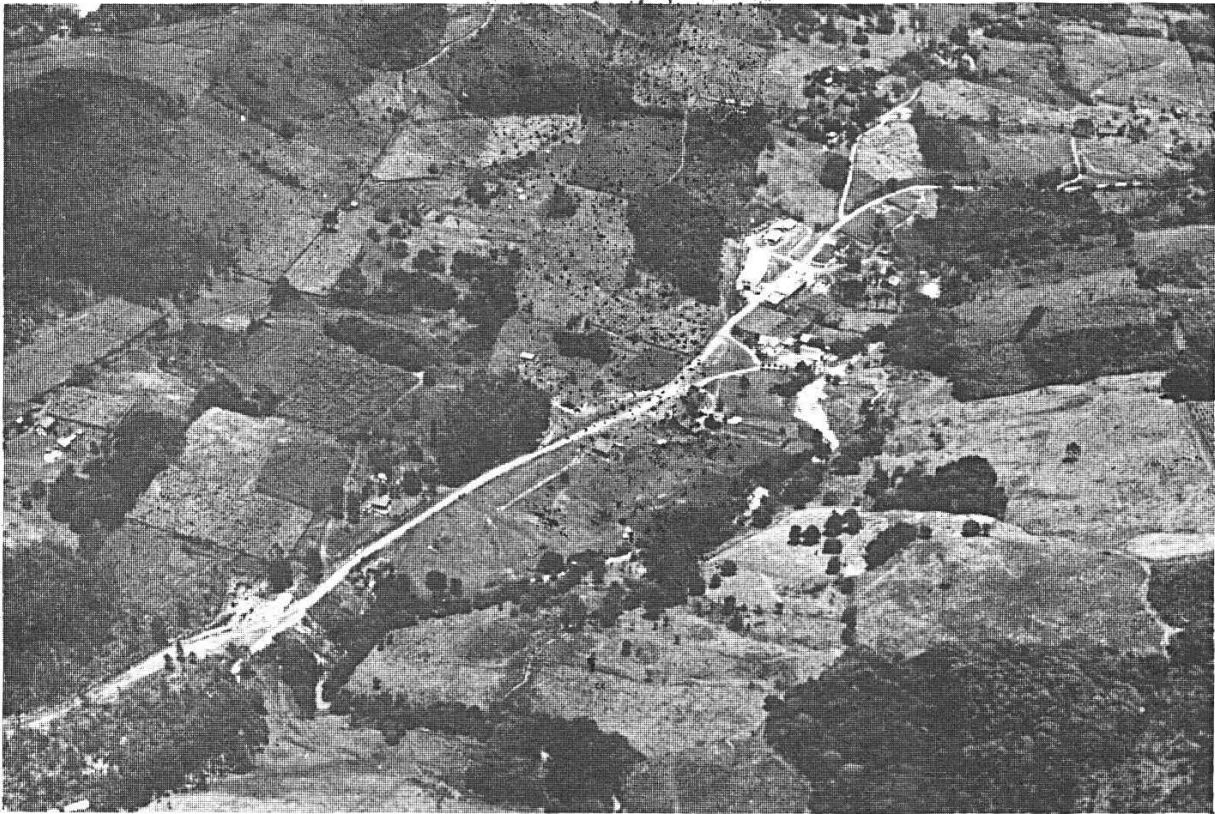
As ferramentas em média constam de um arado, uma grade para desterroar a terra, um carro agrícola, arado manual e vários utensílios.

Fig. 11



Forma da distribuição das culturas na colonia de Policultura (A) e na de Vitivinicultura (B)

Fig. 12



Aspectos da paisagem cultural na antiga área colonial italiana. (Foto P.L. Beretta)

Fig. 13



Vista aérea de uma capela. Pode-se observar: à esquerda a igreja defronte a qual se localiza o edifício habitado a hospedaria (barracão) e a direita o pequeno cemitério. (foto P.L. Beretta)

O colono e sua família fazem todos os trabalhos necessários para aproveitamento da propriedade, segundo o seguinte calendário:

- maio — preparação da terra para semear trigo;
- junho e julho — semear trigo;
- agosto e setembro — corte da capoeira, do terreno anteriormente deixado em repouso;
- outubro — queimada da capoeira e semeadura do milho, após ter arado a terra;
- novembro — colheita do trigo, primeira poda do pasto, primeiro tratamento anticriptogâmico do vinhedo e preparação da terra para o milho,
- dezembro — trilhadura do trigo (a trilhadeira é usada nas várias colônias e é retirada, em troca do trabalho prestado, uma quota do produto), nova escavação em preparação da terra para o plantio do milho (frequentemente semeado entre a plantação de abóbora), segunda poda do pasto e segundo tratamento anticriptogâmico do vinhedo;
- janeiro — fevereiro — último tratamento da videira, início da colheita da uva. Durante este mês, o colono ainda ocupa-se gratuitamente (6 dias por família) da manutenção da estrada municipal;
- março — abril — término da colheita de uva e o produto é vendido ou vitivinificado em casa, término do recolhimento da forragem e início da colheita do milho, que continua até fins de maio dependendo da maturação e da necessidade do consumo.

Naturalmente, esta programação pode sofrer notável variação em função da maior ou menor distância do centro urbano da região; em um raio de 10 a 15 km este pode ser endereçado para a produção de verduras, frutas e laticínios.

Na área da antiga região colonial ainda predomina a vitivinicultura, o ordenamento produtivo da colônia é inverso, geralmente é o seguinte:

- 13 ha são deixados em repouso (capoeira)
- 4,5 ha são cultivados com vinhedo,
- 3 ha cultivados com milho,
- 2,5 ha cultivados com trigo,
- 2 ha são deixados para pastagem natural, pomar, horta, construções, estrada, etc.

Além da utilização aqui indicada, os colonos que se dedicam a vitivinicultura dispõem geralmente de uma prensa, de engarrafadeiras e, as vezes, de um alambique para destilar aguardente.

Quanto a resguardar os métodos culturais, não constatei grande diferença entre os dois tipos das colônias citadas. A vegetação herbácea-arbustiva (capoeira) é mantida em média, por quatro anos e em seguida cortada e queimada; após isso cultiva-se o milho, que é semeado diretamente sem preparação especial do terreno. O período normal de semeadura do milho vai desde fins de setembro a novembro; pode porém ser semeado até início de janeiro. Via de regra existem duas cavas sendo uma usada para deixar enterradas as raízes que não estão sendo consumidas; a colheita é feita de acordo com as necessidades do consumo familiar e termina em maio. A espiga de milho é armazenada por secamento, revestida de palha (cartucho).

O trigo sucede ao milho depois de arar e capinar o terreno: não usando ceifadeira porém é semeado sem preparação, limitando-se a cobrir a semente com uma fina camada de terra.

As videiras são todas cultivadas em parreiras e os pés estão separados, plantados de 3 em 3 metros; a parreira é sustentada por grossos moirões dos quais saem arames de ferro ou sarrafos de madeira amarrados com vime, sobre os quais se apoiam os grossos galhos de videira.

Quando o terreno do vinhedo não é sobre campo, durante o inverno se fazem uma ou duas vezes escavações em toda área e é colocado em torno do pé de parreira palha de trigo ou restos que sirvam de estrume. Em fins de setembro, princípios de outubro a videira entra em brotação e em tal época se procede a poda dos galhos secos, que sendo muito grande deve ser normalmente seguida de uma poda dos galhos verdes para eliminar os brotos em excesso. A proteção anticriptogâmica consiste em três ou quatro tratamentos com pulverização dos vinhedos Isabella e híbridas, cinco e sete tratamentos nas parreiras européias; normalmente não são praticados tratamentos contra o oídio e antracnosi.

Um dos componentes mais originais e característicos da ocupação rural na antiga área colonial italiana é a **capela** termo que indica o ponto de encontro e de referência dos colonos de uma determinada área, de uma **linha** ou **travessão**. É composto de três elementos fundamentais: a capela, que pode ser uma verdadeira e própria igreja de alvenaria, o cemitério e o **barracão**, um enorme telheiro que é usado para salão nos dias de festa e de taberna. A estes elementos essenciais da **capela** aparece outros elementos como um armazém para comestíveis e gêneros variados, um distribuidor de benzina, uma pequena oficina mecânica para reparação dos carros e máquinas agrícolas, etc. Neste caso a capela passa a ser um centro de serviços que dará frequentemente origem, com a ajuda de outras construções (casa dos encarregados dos vários serviços, administrador e proprietário dos armazéns e lojas, sede da cooperativa vitivinícola, olaria, etc) constituindo os **povoados** e sucessivamente as **vilas**, sedes dos **distritos**.

O aspecto das capelas varia em função do número de colonos que dela fazem uso e do desenvolvimento econômico. Há capelas muito modestas, com uma igrejazinha construída de madeira, junto a um pequeno campanário, e uma cabana, pouco mais que um telheiro fechado com tábuas de madeira e com o chão de terra batida. Só aos domingos e nem sempre chega um padre para officiar a missa e se abre a cabana para permitir aos vizinhos no transcorrer da tarde festiva jogar cartas e beber vinho servido em mesas improvisadas. Nas capelas mais ricas e aparelhadas, a igreja é construída de alvenaria, sendo de grande dimensão, com uma torre alta, onde todos os domingos é oficiada missa; o salão paroquial recreativo é uma verdadeira e própria estalagem, administrada por uma família de colonos e aberta permanentemente, com serviço de refeições. Nos dias festivos há grande animação e há realização de bailes. No fundo do salão não falta a tradicional cancha de bocha, importada pelos imigrantes italianos.

A capela funciona ainda como centro cultural e sanitário pois aí encontramos a escola e o ambulatório médico, geralmente situados em uma só construção alta a casa da autoridade municipal. Durante muito tempo em muitas capelas a escola era construída e financiada pelos colonos para poderem dar a seus filhos uma instrução elementar aos invés de os enviar a escola e colégio religioso dos centros urbanos distantes, muito mais caros e que ia **constrangendo-os** a renunciar a educação dos filhos.

Os primeiros colonos italianos e os seus descendentes dedicaram-se sobretudo a policultura. Sempre semearam e colheram tudo quanto podia torná-los auto-suficientes do ponto de vista alimentar na sua sede. Quando os colonos começaram a dispor de excedentes de produtos agrícolas para destinar a venda, o fizeram sempre em medida mais ou menos limitada para poder adquirir aqueles objetos manufaturados que tinham necessidade e que não podiam fabricar com suas próprias mãos. Sempre se pode falar de agricultura de subsistência que só a introdução e o desenvolvimento da vitivinicultura tem parcialmente modificado o sentido de que a necessidade de vender os produtos da videira, de outros produtos que nos primeiros tempos destinavam-se somente ao consumo familiar, apresenta como consequência a venda dos excedentes agrícolas (trigo, feijão, produtos da criação de suínos, etc.), mas sempre em uma dimensão bem menor.

O desenvolvimento dos centros urbanos da zona têm naturalmente favorecido, com a crescente solicitação dos produtos alimentares, a comercialização dos produtos agrícolas.

Uma visão sóbria e parcimoniosa, ligada a sólida tradição recebida dos avós, conduz ainda hoje os descendentes dos colonos italianos; só nestes últimos anos o desenvolvimento industrial está sendo mais rápido nos centros urbanos da zona e especialmente em Caxias do Sul, começa a fazer sentir sua influência sobre as antes separadas sedes rurais. Os jovens da quarta geração, habituados a motorização são ligados as atividades secundárias e terciárias, nos centros urbanos. Começa assim a delinear-se, lentamente, o fenômeno do abandono da sede rural ou dela ser transformada apenas em dormitório para aqueles que trocaram a atividade primária para aquela secundária ou terciária. Parece portanto possível concluir que em um futuro próximo a ocupação rural na antiga área colonial italiana do Rio Grande do Sul sofrerá profundas mutações que incidirão do modo sensível na paisagem rural da região.

Instituto de Geografia
Universidade de Pavia
Setembro de 1974.

Nossos agradecimentos a Funcionária Luana Conti Evangelista, do Consulado Geral da Itália, pela revisão que fez na tradução do artigo "NOTA SOBRE A OCUPAÇÃO RURAL NA ANTIGA ÁREA DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL". — Prof. Pier Luigi Beretta.